



## Revista Café com Sociologia

Volume 5, número 2, Mai./Agos. 2016

### "A JOANNA SOU EU, MAS A CASA É NOSSA": a emergência de um *locus* midiático colaborativo feminista

Debora Azevedo<sup>1</sup>  
Beatriz Demboski Burigo<sup>2</sup>  
Joanna Burigo<sup>3</sup>  
Ana Claudia Delajustine<sup>4</sup>  
Thainá Battestini Teixeira<sup>5</sup>

#### Resumo

O presente trabalho é resultado de uma construção coletiva, que apresenta e analisa a elaboração, criação e execução de um projeto colaborativo de comunicação e educação feminista sobre gênero situado nas redes sociais e denominado *Casa da Mãe Joanna – CDMJ*. Este local midiático, idealizado por uma de suas integrantes e construído por diversas forças em colaboração, surge de uma necessidade: espaço seguro para discussões sobre gênero que seja declaradamente feminista. Com o objetivo de caracterizar este local midiático e discutir sua emergência, realizou-se uma pesquisa quantitativa de caráter descritivo. Para a obtenção de dados foram utilizadas pesquisa documental baseada em 276 postagens em um grupo fechado em uma rede social e um levantamento por meio de questionário *on line* com 69 respondentes. Os dados foram tratados quantitativamente por meio de estatística descritiva. A análise indica que a CDMJ se constitui em alternativa de espaço no qual discussões sobre gênero e feminismo(s) são bem-vindas e incentivadas. Identifica-se a opção de muitas mulheres por apresentarem suas subjetividades de modos distintos dentro e fora de espaços considerados “seguros”. Aponta-se ainda que o reconhecimento da mídia como espaço hostil influencia e informa a formatação da CDMJ como espaço de construção colaborativa, para que diversas vozes possam existir a partir de uma sensação de pertencimento e liberdade de discurso – seja o discurso produzido à respeito delas mesmas, ou sobre quaisquer outros temas situados na espinhosa discussão feminista acerca de gênero. Finalmente, argumenta-se que mídias feministas fazem-se necessárias para que mais vozes e subjetividades possam vir a público em segurança, e que a tecnologia permite a construção coletiva de tais espaços.

**Palavras-chave:** Feminismos. Tecnologias. Subjetividades.

<sup>1</sup> Doutora em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

<sup>2</sup> Graduanda em Ciências Sociais na Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

<sup>3</sup> Mestre em Gênero, Mídia e Cultura pela London School of Economics - LSE.

<sup>4</sup> Psicóloga, Pós graduanda em Arteterapia - UPF.

<sup>5</sup> Licenciada em História pela Universidade de Passo Fundo - UPF.

## “MAKE YOURSELF AT HOME”: the emergence of a feminist collaborative media locus

### Abstract

This paper, which results from the joint efforts from members of the collaborative endeavor *Casa da Mãe Joanna – CDMJ*, presents and analyzes the development, creation and implementation of this gender-centric feminist communication and education project. This mediatic site, designed by one of its members and brought to life by various forces, arises from a very specific need: a safe space for discussions relating to gender issues that is avowedly feminist. A quantitative study was undertaken and the analysis indicates that CDMJ does constitute an alternative space in which discussions on gender and feminism(s) are welcomed and encouraged. It was also pointed out that recognizing the media as a hostile space influences and informs the formatting of CDMJ as a space for collaborative construction, so that different voices can arise from within an atmosphere of belonging and freedom of speech – be the speech about the members’ own experiences or about any other topic located in cantankerous feminist discussions about gender. Finally, it is argued that feminist media sites are necessary so that more voices and subjectivities can be made public safely, and that technology allows for the collective creation of such spaces.

**Keywords:** Feminisms. Technologies. Subjectivities.

### 1 Introdução

Apesar de ser um direito, nem todos têm voz ativa na sociedade. Encontrar, projetar e sustentar uma voz, em si, já é um trabalho árduo. Este trabalho é ainda mais árduo em posições subalternas - por isso não podemos renunciar o problema de representatividade e representação midiáticas. Os espaços ocupados por mulheres em práticas e instituições de mídia ainda tendem a ser aqueles concedidos a subalternos. As posições de poder ainda estão em mãos de homens, e as linguagens utilizadas para descrever tanto mulheres quanto experiências do feminino ainda são consideravelmente misóginas. À esta violência simbólica, soma-se o fato de que, ao tentar atravessar o problema de representação e/ou de representatividade dentro destas instituições, muitas mulheres são interpeladas e atropeladas por violência estrutural. Encontrar, projetar e sustentar vozes subalternas exige esforço. E se a voz for dissidente, o esforço vira risco.

A busca das mulheres por espaço e voz na sociedade brasileira tem se constituído ao longo de muitas décadas. Corrêa (2001) destaca a expressão do movimento feminista no Brasil na década de 1970, articulado aos movimentos sociais, e tendo como traço comum as mulheres profissionais de esquerda, mas, já na época, formado por grupos distintos com lealdades diversificadas, constituindo-se na articulação entre militância política, pesquisa acadêmica e

cenário político-cultural. Segundo a mesma autora, esse feminismo leva à emergência dos estudos de gênero na década de 90. Com o passar dos anos esse movimento se ramifica e diversifica, sendo que Pinto (2003) já apontava para as múltiplas identidades do feminismo no Brasil na virada do milênio, a partir da dissociação entre o pensamento feminista e o movimento, e da profissionalização do movimento por meio do aparecimento de um grande número de ONGs, o que gerou um feminismo difuso. Neste período, várias conquistas foram alcançadas. Sorj (2016, p.587), por exemplo, comentando o relatório da ONU-Mulheres intitulado *Progress of the World's Women 2015-2016. Transforming Economies, Realizing Rights*, lançado em 2015, aponta que

por um lado, o documento reconhece que houve importantes mudanças na condição das mulheres em nível global, com ganhos educacionais significativos, incrementos na participação no mercado de trabalho e promoção a posições de liderança; em contraposição, as desigualdades de gênero nos rendimentos, no acesso à proteção social e a divisão do trabalho doméstico e de cuidado não remunerado, entre outras, permanecem elevadíssimas em todas as regiões do mundo.

Para a autora, essas barreiras à igualdade de gênero, sedimentadas em muitas dimensões da vida social, requerem mudanças amplas, para as quais as chances aumentam quando as mulheres estão mobilizadas em movimentos autônomos.

Ao longo da última década, novas mídias e novas tecnologias engendraram uma combinação de conectividade e meios de produção e reprodução de informação que foram solo fértil para que mulheres feministas se organizassem. Menos limitadas pelas amarras patriarcais das instituições tradicionais, mulheres passaram a formar núcleos de dissidência, resistência e militância feminista online. Com o crescimento do ciberativismo, ou seja, o ativismo nas redes cibernéticas – principalmente na Internet, o movimento feminista encontra uma nova frente para suas ações, potencializando as lutas. A comunicação baseada na tecnologia e nas redes horizontais e interativas é favorável à circulação de informações dos movimentos sociais e do movimento feminista. A possibilidade de disseminação das ideias feministas propiciou maior acesso ao movimento e fez com que o protagonismo crescesse. Militantes e simpatizantes se construíram e consolidaram a partir de redes sociais e blogs (CALEIRO; DINIZ, 2011).

É neste contexto que 2015 se constituiu como um ano notável para o feminismo no Brasil. Impulsionado pelo ciberativismo, uma massa crítica dissidente se formou e, em todo o país, ao longo do ano, feministas re/agiram contra: o machismo e a misoginia institucionais, via grandes marchas (GONÇALVES, 2015); a publicidade machista por meio de *adbusting*<sup>6</sup> e

---

<sup>6</sup> Ação que visa modificar uma propaganda de maneira a fazer refletir sobre ela.

promoção do mesmo em postagens de mídia social (DIP, 2015); políticos e projetos de lei que prejudicam os direitos das mulheres (ZANELLO, 2016). Como parte deste processo, vários novos projetos feministas surgiram ou ganharam visibilidade, como a Revista AzMina, o fenômeno Vamos Juntas? (SPERB, 2015). Também muitas campanhas online organizadas a partir de *hashtags* pautaram a mídia, sendo a mais significativa a campanha #primeiroassédio, que em menos de 48 horas contava com mais de 82.000 histórias de assédio sofrido por mulheres brasileiras postadas em rede social (CAMPANHA..., 2015).

A Casa da Mãe Joanna (CDMJ) surge neste contexto com ele já maduro - embora o *backlash*<sup>7</sup> machista continue feroz. Nas redes sociais, onde filtros midiáticos patriarcais são menos institucionalizados, o embate é violento: o silenciamento e o bullying são constantes, e a dissidência feminista segue sendo arriscada. A questão de Spivak (2010) parece ressoar aqui: 'Pode o subalterno falar?' Se, por um lado, um grupo de mulheres majoritariamente brancas, de classe média e média alta, escolarizadas não pode ser associado ao proletariado ou às camadas mais baixas da população, por outro, este grupo também percebe modos específicos de exclusão dos mercados, de representação política e legal. Assim, esse grupo de mulheres, reconhecendo seu lugar ao mesmo tempo subalterno e dominante, busca um lugar onde possa falar, sem que essa fala seja representada, e onde possa ser ouvida – em suma, um espaço dialógico. Não se pretende na CDMJ falar em nome de todas as mulheres, ou reconhecer as múltiplas formas por meio das quais são silenciadas, mas permitir que esses sujeitos divididos e deslocados possam falar por si, sem a necessidade de um representante.

Pensada como uma organização de mídia, que produza e divulgue conteúdo coletivamente criado/produzido/curado por feministas para o grande público, a CDMJ visa ser um espaço no qual uma multiplicidade de vozes comumente silenciadas possam (in)surgir sem medo. A primeira manifestação dessa produção se dá através do "Casa da Mãe Joanna TALK" - grupo fechado formado no *Facebook* para angariar colaboradoras, lançar e promover projetos e trocar conteúdos. No processo de crescimento, o grupo ajudou a criar não apenas o projeto, mas também intimidades, afetos e empatias - ferramentas solidárias de empoderamento.

Partindo de uma posição subjetiva feminista *ciborgue* (HARAWAY, 2009) pós-moderna, as premissas da casa são algumas. A primeira é a de que não se visa definir o feminismo - mas tampouco a CDMJ quer ser definida ou limitada por quaisquer de suas múltiplas vertentes, "posicionalidades" ou alianças ideológicas. Outra é que assuntos polêmicos podem ser espaço de

---

<sup>7</sup> Conjunto de reações adversas ao feminismo.

reflexão e criação antes de servirem como instrumentos retóricos de silenciamento. Debate, embate e conflitos são inevitáveis - e positivos, quando há escuta. O feminismo é então acionado como lente a partir da qual se observam (e se engaja com) outras inclinações políticas. Por fim, a CDMJ se abstém de quaisquer tentativas de calar, preferindo a comunicação não-violenta.

O aspecto "casa da mãe joana" (expressão popular que remete a lugar onde todos mandam) do projeto significa que a o conteúdo pode ser produzido em várias linguagens e por todas, individual e coletivamente. O veículo central da CDMJ é seu *website*, composto por diferentes categorias de conteúdo e diferentes linguagens.

No final do ano de 2015, esta pesquisa foi realizada com o intuito de analisar os primeiros meses de funcionamento da CDMJ, em especial do grupo "Casa da Mãe Joanna TALK" na rede social Facebook, o qual tinha como objetivo organizar a construção de uma mídia feminista colaborativa. A escrita deste artigo, produzido a partir da pesquisa realizada, é uma criação coletiva – a pesquisa foi pensada e produzida coletivamente e o artigo escrito coletivamente, por meio de ferramenta colaborativa.

Após essa introdução, apresentam-se os métodos e procedimentos de pesquisa, seguidos dos dados analisados e das considerações finais. O artigo encerra-se com a lista de referências.

## **2 Métodos e Procedimentos de Pesquisa**

A unidade de análise deste pesquisa é o grupo privado on-line "Casa da Mãe Joanna TALK", constituído em uma rede social para a construção da mídia feminista colaborativa CDMJ. A população, de carácter bastante peculiar, foi composta pelas primeiras 700 pessoas participantes do grupo. Atualmente, a tal mídia possui sítio na internet com domínio próprio – [www.casadamaejoanna.com](http://www.casadamaejoanna.com), e o grupo, que já possui cerca de 2.600 participantes, continua funcionando para debates sobre feminismos e assuntos interseccionais sob o nome de "Casa Da Mãe Joanna DIÁLOGOS".

A presente pesquisa teve carácter exploratório e descritivo e foi desenvolvida em duas etapas. Na primeira etapa, para identificar o perfil das colaboradoras do grupo, utilizou-se como instrumento de coleta um questionário fechado, implementado pela ferramenta Google para criação de formulários e divulgado no próprio grupo. O questionário possuía dezessete questões, entre elas questões fechadas (escolha única ou múltipla) e questões abertas discursivas e foi disponibilizado durante um período de 16 dias. Obteve-se um total de 69 respondentes dentre as

700 colaboradoras. Neste artigo, apresentam-se principalmente os dados coletados nas questões fechadas.

Na segunda etapa da pesquisa, analisaram-se quantitativamente 276 postagens publicadas durante o mês de setembro de 2015 no grupo "Casa da Mãe Joanna TALK". Essas postagens foram identificadas quanto a data, autor, número de curtidas e comentários, tipo e temática, e quanto a terem ou não gerado polêmica nos comentários.

Na próxima seção são apresentados e analisados os dados produzidos nas duas etapas da pesquisa.

### 3 Apresentação e análise dos dados

Esta seção apresenta e analisa os dados coletados, subdividindo-se em perfil das colaboradoras e análise de postagens.

#### 3.1 Análise dos perfis das colaboradoras

As primeiras questões do formulário possuíam um caráter autoafirmativo, ou seja, de definição individual e autodeclaração. São elas: identidade de gênero, orientação sexual, identificação étnica. Além disso, também foram questionados idade e local de residência.

Como perfil preponderante, identificamos que 87% das respondentes se autodefinem como mulher cis - que possuem correspondência entre o sexo biológico e gênero constituído - e 68,1% como heterossexuais, 81,2% se declaram brancas, 73,9% tem idade entre 20 e 30 anos e 82,6% moram no Sul do Brasil.

Além do perfil preponderante, quanto à identidade de gênero, houve 7 homens cis, uma pessoa declarada *genderfluid*<sup>8</sup> e outra declarada trans não-binário. Com relação à orientação sexual, 20,3% se declaram bissexuais; 7,2%, homossexuais e 5,8% de declaram outros, incluindo: "não tenho certeza", "panssexual" e "gosto de pessoas". Na identificação étnica, 7,2% são pardas, 4,3% negras, 4,3% preferem não declarar e 2,9% como outros, sendo as caracterizações: "humano" e "meio moreno, pq mesmo não sendo negro, branco eu não sou!". A idade das respondentes está entre 18 e 46 anos.

As duas cidades com mais representantes foram Porto Alegre (RS), com 18 pessoas, e Passo Fundo (RS), com 17 pessoas; seguidas por Florianópolis (SC), com 9 pessoas, e Criciúma

---

<sup>8</sup> "gênero fluido", indicando a fluidez e não definição de gênero.

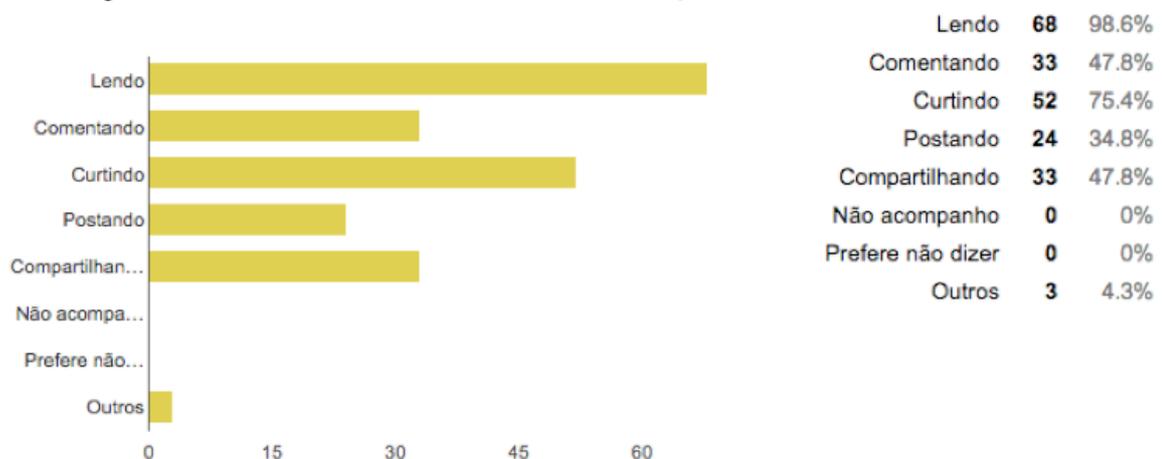
(SC) com 7 pessoas. Houve respondentes de 18 cidades diferentes, inclusive de Londres (Inglaterra) e Canberra (Austrália).

Quanto à forma de envolvimento da respondente com a CDMJ, a maior parte (58%) ficou sabendo do grupo através da própria idealizadora do projeto, que as convidou diretamente para participar, e 39,1% ficaram sabendo do projeto através de uma amiga/amigo que a/o convidou para participar do grupo.

Percebe-se aqui um grupo bastante homogêneo, com pouca representatividade interseccional, ou seja, de diversos lugares de fala, sendo definidos por classe, cor, raça, gênero, etc. O perfil remete à posição no campo social da própria criadora do projeto e à forma de crescimento orgânico deste grupo, por meio de convites, pois esta posição tanto está relacionada a vantagens específicas no campo, como possui relação objetiva com outras posições (dominação, subordinação, homologia etc.), o que constitui as relações de força e de lutas entendidas como legítimas. (BOURDIEU; WACQUANT, 2008)

As questões seguintes buscaram identificar qual o grau de entendimento do projeto e como se dá o acompanhamento do conteúdo postado e veiculado dentro do grupo. Quanto ao grau de entendimento do que significa o projeto CDMJ, predominam os entendimentos de regular a alto (89,8%). Praticamente todas as respondentes acompanham o grupo pelo menos lendo as publicações. Dentre as outras atividades possíveis no grupo, a menos utilizada é a de postagem de conteúdo – somente 34,8% das respondentes afirmam que o fazem (Figura 1).

**Figura 1** - Como você acompanha os posts no grupo de colaboradoras da #CDMJ?



**Fonte:** Elaborado pelas autoras.

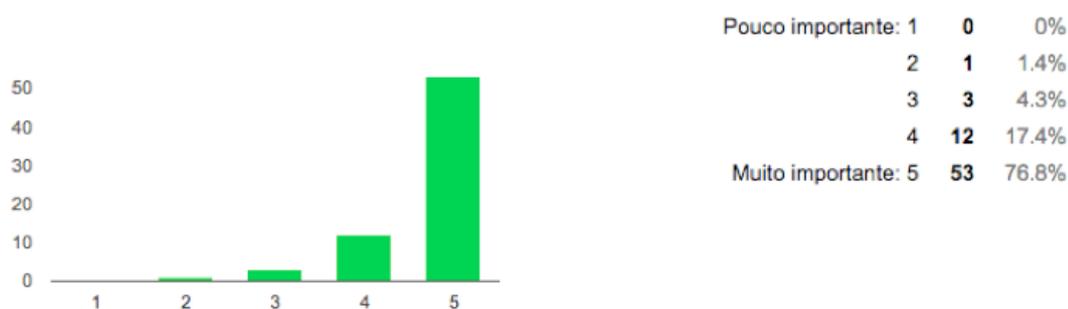
Quanto ao posicionamento em relação ao feminismo, 91,3% das respondentes se consideram feministas, 4,3% não sabem dizer e 2,9% gostariam de saber mais sobre isso. Por

outro lado, essas pessoas descobrem novas coisas sobre feminismo e gênero dentro das discussões do grupo: sejam muitas descobertas (59,4%) ou algumas descobertas (36,2%). E quanto a sentirem-se seguras discutindo gênero e feminismos na internet, 68,1% sentem-se seguras, mas destas 66% selecionam onde discutir; 7,2% sentem-se um pouco seguras e 23,1% não se sentem seguras, das quais 56% afirmam evitar essas discussões.

Quando questionadas sobre a participação das mulheres na mídia e na produção midiática, a maioria concorda que "Há poucas mulheres produzindo conteúdo - e isso é consequência de um problema de representatividade" (72,5%). Nesta questão houve 15,9% de escolha da opção "Outros", tendo sido fornecidas explicações alternativas como: "há muita gente produzindo conteúdo midiático, porém nem sempre de qualidade"; "há muitas mulheres produzindo, porém em veículos alternativos já que a grande mídia predomina machista"; "há sim mulheres produzindo, mas sempre surgem novos espaços para serem ocupados"; "há muitas mulheres produzindo, mas se dá pouca relevância"; "há muitas mulheres produzindo, mas a voz dos homens é mais hegemônica, tem mais poder e alcance"; "é mais complexo que apenas a falta de representatividade de mulheres produzindo mídia"; "a noção de representatividade já é parte do problema, porém há poucas mulheres e pouca representatividade".

Perguntamos também se existe a vontade por parte das colaboradoras do grupo de publicarem conteúdos próprios abordando gênero e feminismos. Aqui as respondentes ficaram bastante divididas: 36,2% pretendem publicar, enquanto 34,8% ainda não se decidiram, mas por enquanto não pretendem publicar e 13% afirmam que gostariam mas tem receio e 13% não gostariam. Finalmente, 94,2% das respondentes atribuí um alto grau de importância à espaços como a CDMJ (Figura 2).

**Figura 2** - Qual a importância de espaços como a #CDMJ para você?



**Fonte:** Elaborado pelas autoras.

Por ser bastante semelhante ao da fundadora do projeto, o perfil das colaboradoras propõe duas observações. Primeiramente, até que ponto conseguimos aplicar os princípios de interseccionalidade que buscamos, e quais caminhos poderiam promovê-la? Reconhecemos que estas são questões significativas, para posteriores análises.

Também, é preciso reconhecer que mesmo este perfil remetendo a um grupo privilegiado socialmente (mulheres cis, heterossexuais, brancas, moradoras do Sul do país), os dados sobre sentirem-se seguras discutindo gênero e feminismos na internet merecem atenção. Embora 68,1% tenham reportado sentirem-se seguras, a maioria destas (66%) selecionam onde discutir; 23,1% afirmam não sentirem-se seguras, e mais da metade delas (56%) evita discussões desse tipo. Assim, como 94,2% das respondentes atribui um grau de importância a espaços como a CDMJ, a questão que permanece aberta é: que importância é essa?

### **3.2 Análise das postagens no grupo**

Para esta análise foram selecionadas as publicações no grupo "Casa da Mãe Joanna TALK" do mês de setembro de 2015. O mês teve um total de 276 publicações, realizadas por 76 participantes: 38 pessoas publicaram uma vez, 17 pessoas publicaram duas vezes, 7 pessoas publicaram três vezes, 11 pessoas publicaram entre quatro e oito vezes, e 3 pessoas publicaram entre 21 e 59 vezes. Das 276 publicações, 263 foram publicadas por mulheres, e 13 por homens. Estas 13 publicações foram feitas por 9 pessoas.

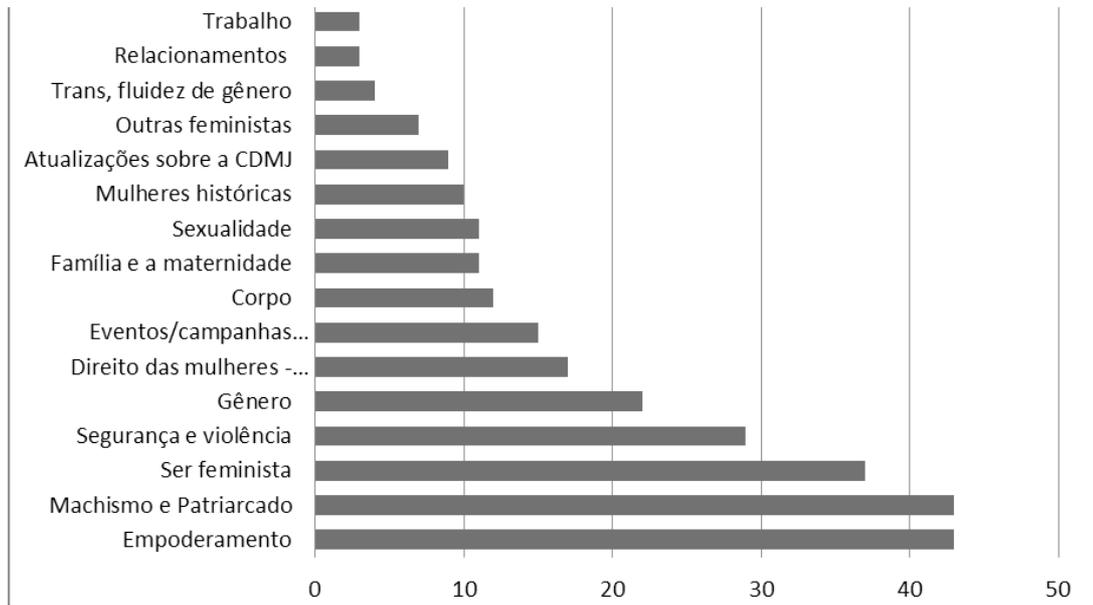
A maioria das publicações foi no idioma português (77%), seguido pelo inglês (19%); ainda houve publicações em inglês seguido de tradução em português (2%) e espanhol (2%). O número total de comentários nas publicações foi de 592, resultando em uma média de 2,1 comentários por postagem. Já o número de curtidas foi de 2.361, com média de 8,6 por postagem.

Quanto ao tipo de publicação, 105 foram artigos de opinião, 44 fotos, 35 vídeos, 31 *memes*<sup>9</sup> – postagem viral da internet, 29 links, 21 depoimentos, 6 artigos científicos, e 5 pedidos de opinião ou de ajuda. Para fins de análise, as publicações foram categorizadas em 16 temas dentro do debate sobre feminismos e gênero (Figura 3). Os temas mais frequentes foram "Empoderamento", "Machismo/Patriarcado" e "Ser feminista".

---

<sup>9</sup> Imagem, vídeo ou frase de humor que se espalha via internet.

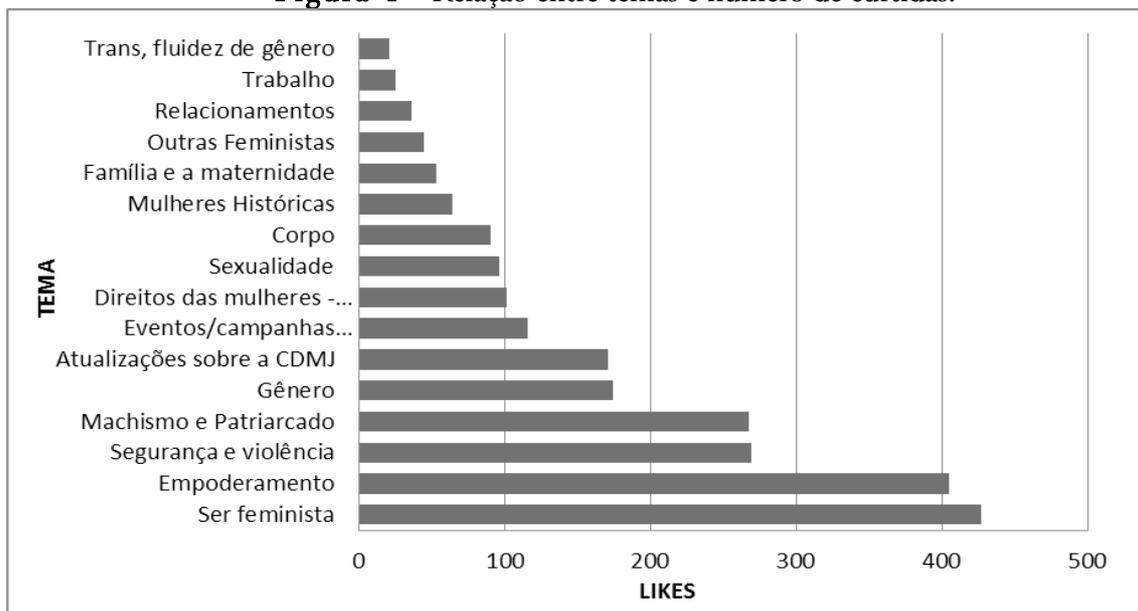
**Figura 3** - Tema das postagens no grupo.



**Fonte:** Elaborado pelas autoras.

Relacionando o tema das publicações com o número de curtidas, obteve-se o gráfico apresentado na Figura 4. Ainda que Machismo/Patriarcado seja um dos temas mais publicados, nem por isso é dos mais curtidos. O patriarcado é lembrado muitas vezes em razão de desconstruí-lo, não trazendo tantas curtidas em suas publicações. Já "Empoderamento" e "Ser feminista" trazem justamente a força para essa desconstrução e continuam no topo quando o assunto é curtidas.

**Figura 4** - Relação entre temas e número de curtidas.



**Fonte:** Elaborado pelas autoras.

Para fins de análise, considerou-se que uma publicação causou polêmica quando contava com comentários antagônicos. Do total de publicações, apenas sete (3%) geraram polêmica. Os temas das postagens que geraram polêmica foram: Machismo/Patriarcado, Família/Maternidade, Gênero, Ser feminista, e Direito das mulheres/Direitos humanos. Destas sete publicações, cinco foram artigos de opinião, uma foto e um *meme*.

O único assunto tratado duas vezes em publicações polêmicas foi o aborto. Uma postagem, a mais comentada das sete, relata um grupo de mulheres que reivindicam seus direitos junto ao Senado dos EUA pela descriminalização do aborto. A publicação teve 11 curtidas e 30 comentários. Nos comentários discutiu-se sobre a empatia com quem já abortou, lembrando o aborto como um direito das mulheres, e não como método contraceptivo. A polêmica acontece quando é questionado “você faria?”, trazendo a existência de um discurso de legalização e descriminalização de um lado, e outro subjetivo “apoio a descriminalização porém não faria um”. A discussão termina ao posicionar o espaço da CDMJ como receptivo e acolhedor para qualquer opinião e direito de escolha, sem julgamento. Outra polêmica com foco na maternidade é gerada a partir de um artigo de opinião intitulado “Não tenha filhos”. Com 17 curtidas e 15 comentários, os comentários divergem entre o texto ser uma opressão perante quem quer ter filhos, e aqueles que lembram que não é necessário ser mãe para ser mulher.

A foto polêmica diz respeito a objetificação da mulher. Com a ideia de lutar contra uma coluna machista, usou-se a mesma foto, do corpo de uma mulher. Com 18 curtidas e 15 comentários o que causa o incômodo é justamente a reprodução da foto, que coloca duplamente a mulher como objeto: na coluna machista e sexista, e na imagem a fim de criminalizar a coluna. Já um artigo de opinião sobre Ser feminista trouxe a polêmica com a utilização do termo “piranha”. Com 4 curtidas e 12 comentários, o artigo reflete a linguagem sexista e machista. E uma publicação sobre o lugar do homem no próprio machismo rendeu 17 curtidas e 13 comentários. A discussão acontece com questionamentos sobre o poder do homem já existente, o feminismo como uma libertação do homem e como forma de maior aquisição de poder. E um *meme* que diz que “ginecologista homem é estuprador sim”, teve 4 curtidas e 12 comentários. A discussão ocorreu em torno do perigo do exagero e da banalização do estupro.

Percebe-se que a polêmica emerge muitas vezes vinculada à violência simbólica (BOURDIEU, 1999) de gênero. Sob a influência de representações que se caracterizam pelo constrangimento e pela degradação da imagem da mulher, algumas vezes a mulher acaba se rendendo. E, para compreender essa dominação, se faz necessária uma análise das condições em

que os corpos, postos no mundo social, são inseridos na cultura, deixando o aspecto físico de lado para assumir o significado cultural. (TEIXEIRA, 2015). As mulheres são submetidas a um trabalho de socialização que tende a diminuí-las, a negá-las, tornando virtude a aprendizagem da abnegação, da resignação e do silêncio (BOURDIEU, 2002). Nisso se dá a centralidade de produzir espaços em que diferentes opiniões possam surgir e que não sejam silenciadas, mas acolhidas. Acolher a polêmica, permitir que ela se desenvolva em forma de debate não-violento é um dos desafios para a continuidade da construção da CDMJ.

#### 4 Considerações Finais

A discussão de espaços de mídia feministas e espaços onde mulheres sintam-se seguras para participar e exporem suas ideias é ampla e multivocal. Há diversos posicionamentos, diversos feminismos, alinhados a posições teóricas e epistemológicas nem sempre conciliáveis. Mesmo dentro de um projeto como o apresentado aqui essa multivocalidade aparece. Ela assume muitas vezes a harmonia do cânone, com vozes que se apoiam e se complementam em uma construção progressiva de discursos nos mais variados temas. Em outros momentos, a multivocalidade gera dissonância. As polêmicas surgem e a opção tem sido não a pasteurização dos discursos, mas o acolhimento da diversidade e a ênfase na comunicação não-violenta. Essa dissonância é característica das práticas discursivas em uma constelação de práticas interligadas, "aqueles que a escutam vão aprender a distinguir a dissonância da prática e os lugares em que as cacofonias são produzidas, percebendo assim uma forma e um modo de ordenação naquilo que a princípio parecia ser apenas ruído". (GHERARDI; NICOLINI, 2002, p. 434)

Por outro lado, a própria comunidade se percebe como homogênea: majoritariamente mulheres cis, brancas e heterossexuais. Pessoas que ocupam espaços semelhantes no campo social ali se reúnem, pois são aquelas que facilmente identificam afinidades e lutas ou disputas em comum (BOURDIEU; WACQUANT, 2008). Essa característica desafia a proposta de representatividade interseccional e desafia à construção de uma rede múltipla para além do círculo atual (amigas da idealizadora do projeto). Praticamente todas as respondentes acompanham o grupo do *Facebook* ao menos lendo as publicações, porém pode-se questionar se as respondentes de fato representam as colaboradoras da CDMJ (cerca de 10% do total de membros). E, mesmo neste pequeno grupo, há muitas pessoas que ainda não se decidiram se querem ou não produzir

conteúdo. Uma indagação que pode surgir disso é se essas pessoas consideram a CDMJ como um lugar seguro.

Escrevemos este texto num ciberespaço pós-prova de redação do ENEM 2015, quando o “feminismo de internet” provou um ponto crucial: a linguagem usada para silenciar as mulheres online (de “vitimismo” à “falta de rola”) simplesmente não pode ser desenvolvida de forma argumentativa. Isso porque ela é violenta - é a linguagem do bullying. Dada a multiplicidade de formas violentas com as quais as mulheres são tratadas, inclusa aí a violência simbólica da retórica machista do ciberespaço (GARCIA; SOUSA, 2014), não surpreende que as mulheres se sintam intimidadas: esta é a cultura do medo. Na CDMJ optamos por calibrar a escuta, e evitar a violência na linguagem. Nossa tentativa é ser um oásis na cultura do medo, auxiliadas pela tecnologia que permite a construção coletiva. Talvez seja esta a importância da existência de espaços como este.

## 5 Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.

\_\_\_\_\_. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002.

\_\_\_\_\_; WACQUANT, L. *Una invitación a la sociología reflexiva*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2008.

CALEIRO, Maurício; DINIZ, Iara Gabriela. Web 2.0 e o ciberativismo: o poder das das redes na difusão de movimentos sociais. *Revista Científica do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão - UFMA - ISSN 2176 - 5111 São Luís - MA, Janeiro/Junho de 2011 - Ano XIX - N 8.*

CAMPANHA *constata que mulheres sofrem primeiro assédio entre 9 e 10 anos*. UOL, São Paulo, 29 de outubro de 2015. Disponível em: < <http://estilo.uol.com.br/comportamento/noticias/redacao/2015/10/29/campanha-constata-que-mulheres-sofrem-primeiro-assedio-entre-9-e-10-anos.htm>> Acesso em 15 de agosto de 2016.

CORRÊA, M. Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal. *Cadernos Pagu*, n.16, p. 13-30, 2001.

DIP, A. *Machismo é a regra da casa*. El País, 17 de março de 2015. Disponível em: [http://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/16/politica/1426543534\\_137244.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/16/politica/1426543534_137244.html). Acesso em 15 de agosto de 2016.

GARCIA, D.A.; SOUSA, L.M.A. Ler o arquivo hoje: a sociedade em rede e suas andanças no ciberespaço. *Conexão Letras*, v. 9, n. 11, p. 83-97, 2014.

GHERARDI, S.; NICOLINI, D. Learning in a Constellation of Interconnected Practices Canon or Dissonance. *Journal of Management Studies*. v. 39, n. 4, p. 419-436, 2002.

HARAWAY, Donna J. Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: *Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano*. Org: Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

GONÇALVES, J. Marcha das mulheres negras, a marcha que faz sentido. *Carta Capital*, 16 de novembro de 2015. Disponível em: < <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/marcha-das-mulheres-negras-a-marcha-que-faz-sentido-7941.html>>. Acesso em 15 de agosto de 2016.

PINTO, C. R. J. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

SPERB, P. *Vamos juntas*. Folha de São Paulo, 04 de setembro de 2015. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/231818-vamos-juntas.shtml>> Acesso em 15 de agosto de 2016.

SPIVAK, G.C. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TEIXEIRA, T. B. *Fontes visuais impressas: possibilidades de pesquisa: As formas de representação e os papéis atribuídos ao gênero feminino na Revista KodaK nos anos de 1912 a 1919*. In: III CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA REGIONAL, 3., 2015, Passo Fundo. Anais Eletrônicos... Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2015. Disponível em: < <http://semanadoconhecimento.upf.br/download/anais-2015/ciencias-humanas/thaina-battesini-teixeira-fontes-visuais.pdf>>. Acesso em 15 de novembro de 2015.

ZANELLO, Valeska. Saúde Mental e Gênero: o adoecimento psíquico e as violências invisibilizadas. In: *Jornal do Federal*. nº 112, Brasília/DF, março 2016, p. 12-14.

*Recebido em: 29 de fevereiro de 2016.*

*Aceito em: 30 de agosto de 2016.*